



GT 26. Cosmo-socio-morfologias ameríndias: entre comparação, contrastes e invenção

Coordenador(es):

Paulo Roberto Homem de Góes (Jeriva Socioambiental)

Aline Fonseca Lubel (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas)

Sessão 1

Debatedor/a: Diogenes Egidio Cariaga (UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Nicole Soares Pinto (UFES - Universidade Federal do Espírito Santo)

Há quase duas décadas Viveiros de Castro propunha que "seria tempo de se tentar uma análise comparativa das morfologias e processos supralocais na Amazônia, que dispusesse lado a lado os "conjuntos multicomunitários" yanomam, os "grupos" e "aglomerações" trio, os madiha kulina, os itso'fha piaroa, os "nexos endógamos" jívaro, os "subgrupos" parakanã ou wari', e assim por diante" (2002, p. 105). Desde então, muitas pesquisas acerca das sociomorfologias ameríndias, na Amazônia e alhures, vem sendo produzidas, porém, a ambição comparativa da etnologia parece não ter acompanhado o desenvolvimento etnográfico com o mesmo vigor. O objetivo do presente GT é debater a comparação enquanto método etnológico e, para tanto, convidamos pesquisadores a dialogar sobre formas ameríndias de "invenção do social": sua produção de coletivos e territórios (atuais e virtuais), com enfoque seja em relações interaldeãs e interétnicas, seja em relações interespecíficas, seja, ainda, na mútua pressuposição de tais relações. Buscamos, portanto, promover debates a partir de etnografias, de trabalhos etnohistóricos, de arqueologia, da linguística ou do próprio conceito de comparação no sentido de renovar as articulações que compõem a agenda da etnologia e de (re)apropriar interpretações das invenções ameríndias do social.

História, corpo e feitiço

Autoria: Fábio Ozias Zuker (USP - Universidade de São Paulo)

Esta apresentação parte do contexto etnográfico da população Tupinambá do Baixo Tapajós. Entendidos até poucos anos como caboclos, essas pessoas hoje reivindicam sua identidade indígena e a gestão autônoma de seu território. Chamadas pelos ruralistas e políticos locais de "falsos índios" e por antropólogos de índios emergentes, sua própria perspectiva sobre a passagem do tempo aponta para outro caminho: "sempre fomos índios", afirma Seu Bráz, presidente do Conselho Tupinambá. "Nosso povo estava adormecido", coloca ele em outra ocasião. A partir de falas que relacionam alimentação dos brancos com problemas de saúde e situações de enfeitiçamento vivenciadas na região, essa apresentação tenta aproximar a percepção dos efeitos da história com os do feitiço - tendo como base a centralidade do corpo nas formas ameríndias de relacionar-se com o mundo. Seu Puteiro, importante liderança local, conta, que "os antigos eram muito fortes, porque só comiam carne de caça. Viviam 100, 120, 150 anos?". Nas aldeias Tupinambá e Munduruku do Baixo Tapajós, é comum escutar comentários similares, que também relacionam doenças com incorporação da alimentação do branco. Nesta apresentação pretendo relacionar momentos etnográficos relevantes sobre feitiço, a partir de uma situação de desconfiança de feitiço, por parte de uma família Munduruku de Belterra (margem direita do Baixo Tapajós) com relação a uma indígena Tupinambá (margem esquerda do Baixo Tapajós), casada com um dos filhos da dona da casa. Nas conversas que pude desenvolver nos dias



seguintes, puxei com frequência o tema do feitiço. Em todos os discursos sobre quebranto e feitiço, a alimentação tem lugar central. A pessoa com quebranto fica fraca, sem a sua força usual. Fica doente. Proponho, assim, aproximar feitiço e história, a partir de uma pragmática dos efeitos da história e do passar do tempo sobre os corpos dos indígenas, que, na percepção dos indígenas, parece de alguma forma similar ao efeito da feitiçaria sobre os seus próprios corpos. Importa traçar também paralelos etnográficos, como o texto "Sick of History", de Anne Christine Taylor (TAYLOR, 2007), Pierri (2018) entre outros que relacionam história e doença. Central também as reflexões de John Manuel Monteiro (1994 e 2001), que se debruça na percepção de indígenas de que o batismo gerava doenças.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: